



## **As torcidas de futebol como uma *neotribo* urbana na cidade do Rio de Janeiro<sup>1</sup>**

João Paulo Vieira TEIXEIRA<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **RESUMO**

Utilizando-se do conceito de *neotribos urbanas*, desenvolvido pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, pretendemos lançar um olhar atento ao comportamento das torcidas de futebol na cidade do Rio de Janeiro. Além de refletir sobre como se dá o comportamento delas no interior dos estádios, é válido analisar como acontece o seu deslocamento dentro do espaço urbano. O quanto ela interfere e é influenciada pela vida da metrópole, tornando-se uma das vozes mais barulhentas da cidade.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

*Neotribos urbanas*; torcidas; cidade; futebol; Rio de Janeiro.

### **1 Introdução**

A vida na cidade nos obriga a constantes contatos com o outro. Compartilhamos, num mesmo espaço, experiências com cidadãos de diferentes grupos sociais. Por vezes de forma harmônica, outras nem tanto, precisamos dividir experiências e sensações com pessoas com as quais não teríamos nenhuma relação, não fosse a imposição do caos urbano ou algum interesse momentâneo em comum. Em momentos de aglomeração, estas experiências são enfatizadas.

Nos jogos de futebol, por exemplo, o deslocamento das torcidas até o estádio e o comportamento delas no interior da arena podem ser enxergados como uma metáfora, obviamente incompleta e com suas distorções, da vida urbana. Pretendemos aqui, recorrer ao conceito de *neotribos urbanas*, do sociólogo francês Michel Maffesoli (1987), para destacar aspectos do comportamento das torcidas de futebol na cidade do Rio de Janeiro. Este trabalho, ainda embrionário, foi desenvolvido, inicialmente, para a disciplina Comunicação e Cidade, ministrada pela professora Dra. Denise Siqueira, no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, 2007), email: [jpaulo.vieira@gmail.com](mailto:jpaulo.vieira@gmail.com).



Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Por tratar-se do início de uma pesquisa, esperamos contar com novas contribuições e, também por isso, não apresentaremos aqui conclusões definitivas sobre o tema.

Acreditamos ser viável aplicar ao conceito de *neotribalismo* ao estudo das torcidas na cidade do Rio de Janeiro, uma vez que este termo pode ser “caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão” (MAFFESOLI, 1987: p. 132), nada nos parece mais apropriado do que pensar a reunião de torcedores como tal. Assim, pretendemos usar as torcidas na cidade como um dos “panos de fundo para os fenômenos grupais com os quais somos confrontados nos tempos que correm”. (MAFFESOLI, 1987: 130)

A pertinência em citar Maffesoli se justifica, talvez, pelas convicções do próprio autor. Ao explicar o termo socialidade, cunhado por ele, o sociólogo recorre também aos eventos esportivos para exemplificar o modo de vida atual nas grandes cidades do mundo.

As mensagens por computador, as redes sexuais, as diversas solidariedades, os encontros esportivos e musicais são todos indícios de um ethos em formação. É isso que delimita esse novo espírito do tempo que podemos chamar de socialidade. (MAFFESOLI, 1987: p. 128).

Reconhecemos que muitos intelectuais já se valeram do esporte bretão para refletir sobre a sociedade brasileira. Para Helal, é possível entender parte da sociedade através de reflexões acerca da importância do futebol para a vida de muitos brasileiros:

O futebol é uma das principais fontes de identidade cultural do país. Capaz de mobilizar e atrair milhares de pessoas, o futebol pode ser entendido como uma forma cultural que promove a integração do país, fazendo com que a sociedade encontre um sentido de totalidade raramente encontrado e outras esferas da vida social. (HELAL, 1996: p.5).

Concordamos com tais reflexões, e ressaltamos toda a importância desses estudos que, no Brasil, receberam contribuições gigantescas através das importantes publicações de Roberto Damatta e Mário Rodrigues Filho, entre outros. No entanto, nosso propósito aqui é focar nas experiências dos torcedores cariocas. Limitando um pouco nossa observação, esperamos melhor compreender como o comportamento destes torcedores influencia e é influenciado pelos demais atores da cidade do Rio de Janeiro. Destacamos, portanto, que o intuito é investigar o comportamento dos torcedores e não a atividade esportiva em si.



Nas arquibancadas ou nas cadeiras dos estádios se misturam pessoas de diferentes formações, com ideologias e pensamentos distintos, mas que, por pelo menos noventa minutos, vão dividir um mesmo sentimento: o desejo de vitória da sua equipe. São esses homens e mulheres, com identidades múltiplas e efêmeras e que, momentaneamente, vestem as camisas de seus times em busca de um prazer inexplicável, que nos interessam. Para Maffesoli, esse tipo de ocorrência pode ser caracterizado como uma fusão da comunidade.

Ela cria uma união em pontilhado que não significa uma presença plena no outro (o que remete ao político), mas antes estabelece uma relação oca que chamarei de relação táctil: na massa nos cruzamos, nos roçamos, nos tocamos, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam (MAFFESOLI, 1987: p.128).

## 2 Prazeres de multidão

As torcidas do Rio de Janeiro são um dos principais ruídos da cidade. Gritos pelas janelas, fogos de artifícios, congestionamentos nos arredores dos estádios, além dos lamentáveis episódios de violência influenciam diretamente até mesmo aquele que se diz distante do esporte. Apesar da quase certeza de que Maffesoli não se referia às torcidas de futebol quando discorreu sobre as *neotribos urbanas*, nos parece impossível não enxergar uma descrição clara das torcidas quando o sociólogo trata da forma como os moradores das grandes cidades se agrupam.

De maneira quase animal, sentimos uma força que transcende as trajetórias individuais, ou antes, que faz com que estas se inscrevam num grande balé cujas figuras, por mais estocásticas<sup>3</sup> que sejam, no fim das contas, nem por isso deixam de formar uma constelação cujos diversos elementos se ajustam sob forma de sistema sem que a vontade ou a consciência tenham nisso a menor importância. (MAFFESOLI, 1987: p. 133).

A caminho do estádio, os torcedores de um mesmo time são identificados claramente pelas cores que vestem. A cor da pele, a marca do tênis ou a postura corporal são imprecisas se o objetivo for dizer qual é a equipe de preferência de determinada pessoa. Mas basta a camisa do time, que pode ser antiga, oficial ou uma réplica comprada com algum ambulante, para que dois desconhecidos comecem uma conversa capaz de unir moradores de diferentes regiões da cidade e com opiniões políticas

---

<sup>3</sup> Diz-se dos processos que não estão submetidos senão à lei do acaso.



diametralmente opostas. Encontramos aqui, mais um fato que nos permite entender como é estruturada essa união momentânea. “Comunidade de idéias, preocupações impessoais, estabilidade da estrutura que supera as particularidades dos indivíduos, eis aí algumas características essenciais do grupo que se fundamenta, antes de tudo, no sentimento partilhado” (MAFFESOLI, 1987: p.138)

Ao estudar o comportamento da Torcida Jovem do Flamengo, Pablo de Martino Pazos ressalta que as torcidas organizadas se diferenciam dos demais torcedores por terem encontros regulares, quase que como uma atividade profissional.

Ao contrário do que o censo comum 'percebe' e como a imprensa se coloca em relação a elas, as torcidas organizadas não se reúnem apenas nos dias de jogos para torcer e realizar suas festas nos estádios. Elas se encontram periodicamente (a maioria pelo menos uma vez por semana) para planejar os próximos jogos, pensar novas músicas e bandeiras ou simplesmente para estar junto (PAZOS, 2007: p.31).

É justamente por isso que não estamos nos atendo exclusivamente a estes torcedores. Queremos refletir sobre os não-organizados. Em cima disso, nos permitimos discordar do mesmo Pazos quando ele escreve que só é possível pensar em tribos urbanas a partir do momento em que os torcedores começam a se organizar.

Pensamos que nos anos 50, quando os torcedores de futebol estavam espalhados aleatoriamente pelas arquibancadas, ou ainda nas décadas de 60 e 70, que as torcidas organizadas começam a surgir como uniões de torcedores com afinidades e objetivos em comum, estas ainda não representavam a fragmentação da sociedade em tribos afetuais. Essa fragmentação começa a surgir com o fortalecimento dos grupos e de sua noção de identificação ao longo do anos 80. (PAZOS, 2007: p.35).

Acreditamos que mesmo sem a organização e os encontros sistemáticos das torcidas organizadas, podemos sim entender o torcedor comum como parte de uma *neotribo urbana*, uma vez que, mesmo que apenas uma vez por semana, ele deixará muita coisa de lado para desfrutar do sentimento de pertencimento momentâneo.

Em seus estudos sobre as *neotribos*, Maffesoli desembarca no Rio de Janeiro para dizer como as praias da capital fluminense são divididas e que, em cada fatia de areia pré-determinada, certos segmentos da sociedade reconhecem seus territórios. Expandindo um pouco este raciocínio podemos pensar que o mesmo acontece (e sempre aconteceu) nos estádios de futebol. Mesmo no jogo em que apenas a torcida de um time está presente é flagrante a setorização do espaço.



Pazos lembra que, geralmente, cada torcedor tem o seu lugar de preferência para assistir aos jogos e que, sempre que possível, ocupa a mesma posição todas as vezes que vai ao estádio. Para Pazos, "assistir aos jogos sempre no mesmo local passa a fazer parte da rotina e, nesse contexto, a contribuir também para a unidade do todo" (PAZOS, 2007: p.37)

Tomando de exemplo o Estádio Mário Filho, o Maracanã, notamos que as arquibancadas atrás dos gols são ocupadas pelas torcidas organizadas e que se manifestam durante todo o tempo. Ali você é obrigado a assistir a partida inteira de pé. Nas arquibancadas centrais encontramos um maior número de famílias. Assiste-se ao jogo sentado e as manifestações são bem mais contidas. Sem a presença de bandeiras é perfeitamente possível ver todo o jogo sentado. Já nas cadeiras inferiores, nos parece mais difícil encontrar um perfil médio dos que ocupam aquele espaço, o certo é que figuras excêntricas, típicas do futebol carioca, são sempre vistas por ali. Esses personagens ocupavam a extinta Geral, setor destruído para que o estádio passasse a atender as exigências da FIFA. É também ali que idosos e menores de 12 anos assistem aos jogos se beneficiando da lei que dá o direito a gratuidade nos eventos esportivos no Estado do Rio de Janeiro.

Seria um erro pensar que justamente estas sutis diferenciações poderiam inviabilizar a utilização do termo de Maffesoli:

Ao mesmo tempo, tal amontoado apresenta sutis diferenciações, e as preferências quanto a roupas, ou quanto aos hábitos sexuais, aos esportes, aos bandos e aos próprios lugares não deixam de dividir o território, recriando, assim, um conjunto comunitário com funções diversificadas e complementares (MAFFESOLI, 1987: 168)

No estádio a divisão existe, cada setor é geralmente ocupado por um tipo de torcedor. O comportamento de cada um deles varia de forma clara. Uma avaliação superficial poderia dizer que trata-se de mais uma segregação meramente econômica (o torcedor com menor poder aquisitivo ocupa o espaço com ingresso mais barato), mas um olhar atento mostra que não. No Maracanã, por exemplo, o espaço das cadeiras azuis (inferiores) é o que tem os ingressos a preços mais baixos. O curioso é que em jogos de grande apelo, este setor é justamente o último a ter as entradas esgotadas.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> No jogo entre Vasco e Corinthians, pelas semifinais da Copa do Brasil 2009, todos os 68.299 ingressos colocados à venda foram vendidos de forma antecipada. Um dia antes da partida, só havia a disposição dos torcedores entradas para as cadeiras azuis. Os preços praticados na ocasião foram os seguintes: Arquibancada verde e amarela – R\$ 30,00, Arquibancada branca (central) - R\$ 40,00, Cadeira azul – R\$ 20,00 e Cadeira Especial - R\$ 120,00. Apesar de não haver uma confirmação oficial da Suderj, o número de arquibancadas colocados à venda foi de aproximadamente 43 mil, enquanto de cadeiras azuis é de 23 mil.



Certamente a questão merece um estudo mais profundo, mas uma explicação que nos parece plausível, e facilmente comprovável em conversas nos arredores do Maracanã, é a de que o torcedor carioca prefere assistir ao jogo das arquibancadas em função da maior vibração e participação das torcidas.

Após sucessivas reformas no estádio que foi palco da final da Copa do Mundo de 1950, as cadeiras inferiores passaram a oferecer uma boa visibilidade do gramado, mas continuam com o estigma de um torcedor mais contido. Até o final dos anos 1990, o setor tinha ingressos a preços mais caros do que os da arquibancada, o que contribuía para uma idéia de que assistir ao jogo das cadeiras seria menos interessante. Visão que ficou imortalizada no samba “Domingo, eu vou ao Maracanã”, do sambista Neguinho da Beija-flor: *“Não quero cadeira numerada / Vou ficar na arquibancada / Prá (sic) sentir mais emoção”*.

Em contrapartida, nas arquibancadas localizadas atrás dos gols, a concentração de torcedores é bem maior. Como no Maracanã ainda não se conseguiu implantar o hábito de que cada um ocupe o lugar indicado no seu ingresso<sup>5</sup>, determinados setores ficam mais cheios do que outros, sendo que estes torcedores que se amontoam teriam o direito a ocupar estas áreas mais vazias. Porém, o que estas pessoas querem é realmente se amontoar. Ficar debaixo de uma grande bandeira pois, mesmo que ela impeça-o de ver parte do campo, ele irá pertencer a determinada torcida que canta e apóia o seu time. “Estar-junto permite tocar-se. Todos os prazeres populares são prazeres de multidão ou de grupo. E não se pode compreender essa estranha compulsão de amontoar-se, a não ser que se tenha em mente essa constante antropológica” (MAFFESOLI, 1987: 134). Vale ressaltar que esta distinção na ocupação do estádio não é algo exclusivo do Brasil. Em países da Europa como Itália e Espanha os torcedores que mais cantam e gritam também se concentram atrás dos gols.

Tamanha manifestação, com cânticos de apoio ao time ou gritos de guerra politicamente incorretos, tem chamado cada vez mais a atenção da imprensa esportiva. No Rio de Janeiro, em especial, a mídia costumeiramente dedica às torcidas um papel importante até mesmo no resultado final do jogo. É comum encontrarmos nos jornais relatos de que a vitória de um time começou nas arquibancadas e se transferiu para o campo. Na final do Campeonato Carioca de 2009, a conquista do título do Flamengo em cima do Botafogo teve tanto destaque na imprensa quanto a pequena presença dos

---

<sup>5</sup> Desde que foi sancionado o Estatuto do Torcedor, estádios brasileiros com capacidade superior a 20 mil torcedores devem ter todos os seus assentos numerados e os ingressos têm de ser vendidos com a respectiva indicação.



torcedores alvi-negros nos jogos decisivos. Este sentimento se espalha pelas arquibancadas do estádio. Muitos torcedores acreditam que o time saiu vencedor porque sua torcida cantou mais alto ou foi mais vibrante que a adversária. Talvez em nenhum outro espetáculo, o espectador tenha tamanha convicção de que pode interferir diretamente no resultado final. “O culto do corpo, os jogos da aparência só valem porque se inscrevem em uma cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador”. (MAFFESOLI, 1987: 134)

### **3 Torcedores e cidadãos**

Apesar de admitir que ainda encontrarmos muitas pessoas que enxergam o futebol como o “ópio do povo”<sup>6</sup> e que acreditam que o torcedor seja um ser passivo e sem nenhuma reflexão, propomos aqui enxergá-los como atores importantes da cidade. Passando por cima daquela reflexão ultrapassada e recheada de preconceitos, mas que durante longos anos vigorou na academia brasileira, entendemos que o torcedor de futebol não se anula enquanto cidadão quando torce para o seu time. Ao mesmo tempo em que ocupa um assento no Maracanã, ele continua sendo um consumidor, um usuário do transporte público ou um pai de família.

Uma vez que ele não pode abrir mão de todas as esferas da sua personalidade, o torcedor acaba afetando a cidade e sendo afetado por ela.

[...] o futebol se solidificou como um importante referencial de comunicação para a coletividade. De fato, o fascínio exercido pelo futebol sobre os diversos segmentos sociais, transformou este esporte em uma espécie de 'idioma comum' na cidade, influenciando nos hábitos e costumes da cidade (HELAL, 1996: p.6)

Mas para ir a um jogo de futebol no Rio de Janeiro é preciso se organizar. A dinâmica da cidade impõe limites. A atividade de lazer pode se tornar um martírio caso não se compre o ingresso com antecedência, se planeje o trajeto, chegue às redondezas do estádio horas antes da bola rolar. Em dia de clássico no Maracanã, as entradas das torcidas rivais são claramente demarcadas. Assim, há uma imposição no trajeto a ser percorrido pelo torcedor. Com a violência cada vez mais incontrolável chegamos ao ponto da própria autoridade competente, no caso a Polícia Militar, fazer recomendações que limitam a liberdade do indivíduo. Uma vez que tornou-se impossível evitar o confronto, a recomendação passou a ser para que não se coloque a camisa do time antes

---

<sup>6</sup> Expressão cunhada por Karl Marx para tratar da religião foi comumente empregada no Brasil para analisar a paixão dos brasileiros pelo futebol.



de entrar no estádio. Mais que isso, com a violência, o torcedor comum fica imposto a fazer determinado trajeto a fim de evitar um encontro indesejado com alguma facção de torcida organizada.<sup>7</sup>

A volta casa também pode se tornar um grande desafio. A fragilidade dos serviços públicos, como o transporte coletivo urbano por exemplo, fica exposta em momentos como esses. Com partidas que terminam depois da meia-noite, o torcedor é obrigado a enormes sacrifícios para acompanhar o time do coração. Chega a ser impensável alguém que more longe do estádio e que trabalhe no outro dia pela manhã compareça a um jogo noturno sem se sacrificar. Essas exigências impostas pelas metrópoles nos levam até SIMMEL (1987) e sua reflexão sobre a complexidade dos deslocamentos e compromissos nas grandes cidades.

Os relacionamentos e afazeres do metropolitano típico são habitualmente tão variados e complexos que, sem a mais estrita pontualidade nos compromissos e serviços, toda a estrutura se romperia e cairia num caos inextrincável. Acima de tudo, esta necessidade é criada pela agregação de tantas pessoas com interesses diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo (SIMMEL, 1987: p.14 e 15).

É preciso ressaltar que não se trata de uma visão preconceituosa da cidade do Rio de Janeiro. Ao contrário, sabemos que estes mesmos problemas alcançam praticamente todas as outras cidades brasileiras e diversas outras metrópoles mundiais. No entanto, concordamos com Helal ao notar que este caos urbano brasileiro, muitas vezes entra nos estádios e chega até o campo de jogo.

Além disso, a nossa cultura, tradicionalmente vista como sendo 'impontual', se faz refletir no espetáculo futebolístico com freqüentes 'atrasos' das partidas e com as costumeiras 'demoras' dos atletas em 'cobrar uma falta' ou um 'escanteio', o que já nos prejudicou em alguns jogos internacionais, inclusive Copa do Mundo (HELAL, 1996: p.6).

#### **4 Considerações finais**

Como nosso objetivo neste artigo nunca foi apresentar conclusões definitivas sobre o tema, e sim estimular um debate sobre o estilo de torcer dos cariocas, chegamos ao fim propondo uma reflexão sobre o comportamento a que somos estimulados freqüentemente nos estádios. É importante ressaltar que não queremos aqui pensar o

---

<sup>7</sup> Nos dias em que há grandes deslocamentos de torcidas, a Polícia Militar determina que as principais torcidas organizadas se concentrem em pontos de encontro para que sejam escoltadas até o estádio, na tentativa de evitar os confrontos no trajeto. No entanto, o torcedor comum não recebe o mesmo tipo de “proteção”.



torcedor como um ser apático ou manipulado pela mídia ou por quem quer que seja. No entanto, cremos que num momento em que o envolvimento passional é colocado em primeiro plano, acabamos estimulados a atitudes impensadas.

Apesar das arquibancadas serem consideradas um espaço em que o torcedor pode se comportar de forma livre, é possível notar momentos em que determinadas manifestações não são totalmente espontâneas. Muitas vezes, embora não pense que determinada atitude de um jogador mereça uma vaia, o torcedor acaba vaiando, embalado pelo clima criado pela maioria dos presentes. Esse tipo de comportamento pode ser entendido se levarmos em conta a reflexão de Maffesoli que diz que, algumas vezes, a opinião do grupo se sobrepõe à nossa opinião individual. “O que nos parece uma opinião individual é, de fato, a opinião de tal ou tal grupo ao qual pertencemos. Daí a criação dessas doxa que são uma marca do conformismo e que encontramos em todos os grupos particulares” (MAFFESOLI, 1987: 132).

Para confirmar análise podemos nos valer, mais uma vez, do comportamento dos torcedores no Maracanã. Todos os quatro grandes times do Rio de Janeiro (Vasco, Flamengo, Botafogo e Fluminense) têm uma torcida organizada que supera as outras em número de integrantes e prestígio. Com um coro mais eficiente é ela, quase sempre, quem dita quais cantos serão entoados e quais jogadores serão aclamados ou vaiados. Não nos propomos aqui avaliar quais critérios são utilizados para fazer essa escolha, uma vez que sabemos que eles vão muito além do rendimento de cada atleta. O fato é que esta torcida organizada praticamente decide o que vai ser gritado pela arquibancada, que invariavelmente segue o cântico inicial. O que queremos ressaltar é que estes gritos não surgem de forma espontânea. Ao contrário. Estas torcidas possuem uma bateria, similar à de uma escola de samba, embora em escala infinitamente menor. Além dos instrumentos, há homens que atuam como os “puxadores de samba”. Esses dois ou três torcedores, muito respeitados dentro da torcida, é que decidem a ordem que serão executadas as músicas. Portanto, da próxima vez em que você ouvir algum jogador sendo xingado por toda a arquibancada, é melhor fazer uma reflexão. Talvez aquela não seja a opinião de todos, mas apenas a determinação de uma parcela muito influente na arquibancada e com muitos outros interesses envolvidos.



## 5 Referências Bibliográficas

HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares, Hugo Lovisolo. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. 162p.

HELAL, Ronaldo. *Futebol, Cultura e Cidade*. Logos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, p. 5-7, 1997.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Tradução Maria de Lourdes Menezes, 4a ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, Michel. *Cultura e Comunicação Juvenis*. Tradução Douglas F. Barros. In: *Comunicação, mídia e consumo* vol.2 n.4 p 11-27 jul. 2005: São Paulo.

PAZOS, Pablo de Martino. *Comunicação e Cultura: A Torcida Jovem do Flamengo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 4ª Ed.